

SENA, Paulo Sérgio de. *Diálogos na fronteira sócio-ambiental: ensaios*. Lorena, SP: Stiliano, 1999.

Este livro de Paulo Sérgio de Sena¹ é muito significativo não só por refletir a dedicação de seu autor ao difundir a necessidade de providências não só dos governos, mas da sociedade como um todo para melhorar a relação cada vez mais problemática e muito negativa entre a Sociedade Humana e a Natureza. Usando palavras simples (embora não se esquive totalmente da linguagem técnica), ele envolve o leitor com sua obra. A questão ambiental, no mundo de hoje, exige uma ampliação do enfoque da ciência tradicional. Os ensaios apresentados pelo autor são interdisciplinares e promovem o diálogo do concreto com o simbólico, formando um novo olhar histórico para a “compreensão ecossistêmica dos processos vivos, num novo posicionamento do homem frente a dimensão espaço-tempo”, conforme nos alerta o comentário da contracapa desta obra.

Na busca de uma nova racionalidade que reafirme a interdependência entre a Humanidade e a Natureza, Paulo Sérgio parte do que considera um equívoco: o tratamento desta questão, pela maioria dos pensadores (no decurso da história) como decorrente apenas de uma problemática interna desta sociedade humana, sem qualquer intervenção de outra parte do ambiente em que a mesma trazendo como conseqüências as mudanças no clima, o efeito estufa, a desertificação de vastas áreas da Terra, a contaminação da água potável, etc. O autor destaca o significado das teses dos analistas que são críticos dos modelos atuais a partir das esferas:

“Filosófica: Quando ela ignora a análise sociológica;
Cultural: quando é desconsiderada a cultura geradora dos indivíduos;
Política: ausência de base política para o ‘lobby’ de pressão;
Ecológica: quando não tematiza a sustentabilidade para a produção”.²

¹SENA, Paulo Sérgio de. *Diálogos na fronteira sócio-ambiental: ensaios*. Lorena, SP: Stiliano, 1999.

²Ibid., P. 16.

A tese defendida pelo autor se refere à existência de um relacionamento direto e intenso entre o meio natural e a estrutura sócio-econômico-política da humanidade.

As questões sócio-ambientais defendidas por HOMER-DIXON et alii (1993) e PRINCEN & FINGER (1994), e seus seguidores, relevam panoramas de conflito e intranqüilidades/ inquietações sociais, resultando em fome e miséria pelo erro do paradigma social de hoje, que considera o conjunto de recursos naturais da Terra como infinito e, portanto, capaz de supri-la sempre. A urgência da mudança do enfoque dos discursos, notadamente público é premente; a fim de que eles abordem, também, a cultura e a questão das finitude das reservas naturais da Terra, em seus contextos.

Desenvolvimento e meio ambiente bem compreendidos formação a base necessária para a concretização de políticas públicas que atendam, efetivamente, as reivindicações da sociedade que clama pela resolução de seus problemas fundamentais, constantemente.

A exploração da tese defendida pelo autor se revela um autêntico manifesto contra a ruptura do diálogo entre o homem e a natureza, que instaurou o estado de crise da produção do mercado e na preservação da sustentabilidade dos eco-sistemas.

O Primeiro e o Segundo Capítulos analisaram a formação de conceitos e seus limites como fatores que possibilitam que seja mantido o diálogo entre a sociedade e o emprego dos recursos da Natureza. É digno de nota o fato dos ensaios nesses capítulos serem fundamentados numa perspectiva semiótica da biodiversidade.

O terceiro Capítulo revela os problemas que ocorrem quando os conceitos são construídos de forma não apropriada, prejudicando a adequada visão da sociedade para sua problemática ambiental; apenas se concentrando no âmbito do ambiente tomado como “natural”.

O Quarto Capítulo focalizou uma comunidade com recursos naturais não sustentáveis e instabilidade social para a aplicação das teorias de HOMER-DIXON et alii (1993) e PRINCEN & FINGER (1994).

O Quinto Capítulo abordou amplamente a questão ambiental e a necessária gestão ambiental (com ecossistemas tombados) e os gastos sociais gerados, notadamente para os habitantes do entorno.

O autor foi muito didático e eficaz ao inserir nos diversos capítulos (ao final deles), após o item Discussão e Conclusão, uma Bibliografia específica que permite também, além de melhor compreensão das bases teóricas de cada tema abordado, uma continuidade natural das pesquisas sobre a problemática básica explanada pelo mesmo. Entretanto esta obra poderia ser mais esclarecedora e abrangente se focalizasse inclusive o pensamento de Henryk Skolimowski sobre valores tradicionais e valores da Ecologia que após expressar, sinteticamente, o significado dos valores: gregos, judaicos-cristãos, renascentistas e os econômicos e tecnológicos da sociedade moderna, como “os que moldaram a psique ocidental com sua influência que ultrapassa suas fronteiras” admite que “os valores puramente instrumentais não são suficientes para nos dar suporte enquanto seres humanos que têm uma dimensão espiritual”. (cf. THOT, nº 51, 1989, p.5-6).

Quando os homens ao tentarem se livrar da opressão dos valores religiosos considerados obsoletos, nos séculos XVIII e XIX acabaram por recusar como inválidos todos os valores religiosos e todo o seu significado intrínseco, abrindo as portas para uma era de hegemonia do niilismo e dos valores instrumentais.

SKOLIMOWSKI, que é professor de Filosofia da Universidade de Michigan (EUA), nos adverte que:

1 - Vivemos numa época em que a manutenção da integridade da Terra é um dos maiores imperativos para que continuemos a existir na mesma.

2 - Recebemos preciosa herança de valores, além do modelo do homem fáustico, que nos leva para uma vivência estúpida.

3 - O atual estado de coisas nos revela que a procura pelo sentido da vida, pelo resguardo e defesa da sustentabilidade na área da Ecologia, são faces da mesma moeda. Em decorrência disso ele defende a vivência de uma ética ecológica, fundamentada nos seguintes valores principais:

- A) reverência pela vida,
- B) responsabilidade,
- C) altruísmo,
- D) diversidade,

E) compaixão,

F) justiça para todos.

A reverência pela vida é correlata à responsabilidade, pois: sendo responsáveis pelo nosso existir, não nos permitiremos assumir um tipo de vida que prejudique os outros de alguma forma.

A responsabilidade pela vida nos impele à defesa da diversidade, como pré-requisito de sua condição dinâmica e salutar, que enriquece a vida de todo ser humano.

O imperativo da compaixão é revelador do desejo e eficácia de interação com inúmeras outras formas de vida por meio da empatia, que nos proporciona, cada vez mais, a compreensão e o respeito pela vida (no sentido individual e coletivo).

A inclusão do princípio: justiça para todos aos cinco valores anteriormente mencionados tem sua razão de ser, pois se não procurarmos e estabelecemos a justiça os demais valores pensados e desejados ficarão em risco de não subsistir.

A tese da ética ecológica, segundo Henryk Skolimowski, se coaduna com a de Paulo Sérgio de Sena neste livro ora focalizado, pois ele admite que a procura de novos caminhos que nos conduzam a um futuro saudável é o grande desafio da humanidade hoje: deveremos, portanto promover as bases necessárias “para a instauração do desenvolvimento sustentável centrado na pessoa, para uma sociedade que deve trazer transcendência a escuridão da fronteira” (SENA, Paulo Sérgio de, op. cit., p.93).

O espaço dialógico aberto por Paulo Sérgio de Sena almeja conseguir nova lógica avaliadora, não reduzida somente à utilização das reservas naturais, mas, notadamente, ao preço decorrente do não aproveitamento devido e do desperdício dos recursos explorados.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, G.S.S. Visão ecológica e participação efetiva na transformação social in: *Boletim FBCN*, Rio de Janeiro, 1983.
- BARRETO, M. P. Educação, Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: *Cadernos CEDES*, Campinas, 1993.

- BUARQUE, C. *Modernidade, Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Brasília: IBAMA, 1996.
- CARVALHO, I. Movimentos Sociais e Políticos de Meio Ambiente: a Educação Ambiental onde fica? In: *Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia, 1995.
- DIAS, G.F. *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. São Paulo: Gaia; 1992.
- FERREIRA, J.L.S. O meio ambiente começa no meio da gente. In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R. & BRAGA, T. (org.) *Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental*, São Paulo: Gaia, 1995.
- LEFF, E. Sociologia y Ambiente: Sobre el Conceito de Racionalidade ambiental y las Transformaciones del conocimiento. In: VIEIRA, P.F. & MAIMON, D. (org.) *As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade*. APED ed. / UFPA/ Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA, 1993.
- SENA, Paulo Sérgio de, *Diálogos na fronteira sócio-ambiental: ensaios*. Lorena, SP: Stiliano, 1999.
- STAPP, W.B. *Global Enviaronmental Education: towards a way of thinking and acting. Environmental Consvration*. Switzer - land, 1991, 18 (1).
- SWAMINATHAN, M.S. *Ecotechnology and Rural Employment. Environmental Conservation*. Switzerland, 1993, 20 (1).
- VIEZZER, M.L. & OVALLES, O. (org.). *Manual Latino-Americano de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia, 1995.

Luis Alberto JORGE

VASCO MARIZ. *Ensaaios históricos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2005.

Pelo vasto conjunto de sua obra que já superou 50 títulos, o embaixador Vasco Mariz é figura de destaque no cenário cultural brasileiro como musicólogo, ensaísta e historiador. Dentre seus livros que se tornaram referência obrigatória sobre a nossa cultura, destacam-se *História da música no Brasil e A canção brasileira*, em sexta edição, e *Heitor Villa-Lobos*, com doze edições incluindo a inglesa, a francesa, a espanhola, a russa, a italiana. Esse escritor e diplomata, que nunca descansa de suas inúmeras atividades, publicou em 2000, em parceria com Lucien Provençal, *Villegagnon e a França Antártica*. Nessa obra se faz criteriosa reavaliação da tentativa de se implantar uma colônia francesa na baía de Guanabara e traça-se um excelente perfil biográfico do Vice-Almirante da Bretanha, Nicolas Durand de Villegagnon.

O mais recente livro de Vasco Mariz, *Ensaaios históricos*, lançado em março de 2005, ficará, certamente, como um divisor de águas na produção múltipla desse ensaísta. São 15 estudos em que analisa diferentes fatos da história do Brasil, trazendo de alguns deles novas revelações, a demonstrar a larga experiência de um grande pesquisador, numa viagem que vai do descobrimento à época moderna.

Em “Cabral: antes e depois do achamento do Brasil”, somos conduzidos pela mão segura de Vasco Mariz que, em prosa agradável, percorre a grandeza e o infortúnio da trajetória de Pedro Álvares Cabral. Tal estudo demonstra a preocupação de aliar seu faro de historiador à sua formação diplomática, pois um dos mais importantes aspectos desse trabalho é demonstrar que, se Cabral tivesse junto a si, na difícil viagem que empreendeu, bons intérpretes dos idiomas africanos e asiáticos para eliminar as dificuldades de comunicação, talvez a sua missão não tivesse sofrido tantos reveses. Outro ponto relevante da pesquisa é a farta documentação que trata de temas polêmicos, como, por exemplo: a descoberta do Brasil por acaso ou intencional, abraçando Vasco Mariz a tese da intencionalidade.

Em “Américo Vespucci na Guanabara”, o historiador carioca relata a chegada ao Rio de Janeiro do navegador florentino Américo

Vespúcio, lembrando que praticamente as autoridades ignoraram os 500 anos da passagem desse fato de tanta importância para a história brasileira. Já em “Os navegadores franceses do século XVI e os indígenas brasileiros”, Vasco Mariz relata com muita verve as relações acontecidas no Rio de Janeiro entre franceses e índios. Destaca a habilidade desses europeus em não entrar em choque com os silvícolas, já que estavam interessados apenas em praticar o escambo, sem se intrometer com os costumes indígenas. Com isso, demonstra as dificuldades que encontravam os portugueses em implantar na terra uma civilização que se confrontava com o universo mental do selvagem.

Nesse vasto panorama sobre a descoberta e colonização do Rio de Janeiro que Vasco Mariz apresenta, inclui-se o ensaio “Os fundadores do Rio de Janeiro: Américo Vespucci, Villegagnon ou Estácio de Sá?” Em sua avaliação crítica, discute a prioridade da criação do primeiro núcleo europeu na baía de Guanabara, de onde surgiria a cidade do Rio de Janeiro. Discute ainda o real contributo de Vespúcio, Villegagnon e Estácio de Sá na efetiva ocupação do entorno da baía de Guanabara. Contudo, deve-se lembrar que a cidade do Rio de Janeiro deve sua existência unicamente aos portugueses que a fundaram e colonizaram com aquele espírito tão ressaltado por Camões em *Os lusíadas*, “onde mais mundo houvera lá chegara”.

O último ensaio de Vasco Mariz, referente ao Rio de Janeiro, é “Villegagnon e a França Antártica”, escrito em parceria com Lucien Provençal. Pode-se dizer que esse é um dos principais estudos já aparecidos em língua portuguesa sobre o Vice-Almirante da Bretanha. A principal qualidade do trabalho é o resgate histórico dessa figura controversa nomeado “Vice-rei do Brasil”. Aqui se defende que Villegagnon permaneceu católico ferrenho e inimigo dos calvinistas até o final de sua vida, embora uma corrente de estudiosos o tenham como figura de posição religiosa dúbia, numa época em que os embates em questões de fé atingiam o seu paroxismo na França, culminando com o barbarismo da terrível “Noite de São Bartolomeu”, de 1572, que lembra a intolerância religiosa que se abateu sobre o nosso tempo.

Nos *Ensaio históricos* encontram-se dois importantes estudos sobre polêmicos personagens do século XVII: Calabar e Vieira. Em “Calabar: traidor ou patriota?”, Vasco Mariz retoma a velha questão sobre o papel desempenhado pela famosa figura das guerras holandesas. Ao

discutir, inicialmente, o sentido de “sentimento nacional”, de acordo com a época, o historiador mostra como houve muita confusão a respeito do pretense patriotismo de Calabar frente a uma guerra européia travada numa colônia sul-americana. A partir daí, apoiado em segura bibliografia, refaz os principais traços do homem diante da família e do poder. E justifica a opção que fez o alagoano de Porto Calvo em migrar para o lado holandês, por encontrar entre os batavos melhores condições sociais e econômicas para a sua família. Após a leitura desse estudo, é possível concordar com Vasco Mariz que Calabar poderá ser acusado ante a história de, no máximo, desertar do domínio luso-espanhol, pois o Brasil naquele momento era duplamente colônia e só depois da Restauração voltaria a ser apenas colônia portuguesa.

Em “O padre Antônio Vieira, o diplomata”, o historiador Vasco Mariz aborda uma das atividades, entre as múltiplas, exercidas pelo “Imperador da Língua Portuguesa”, no dizer de Fernando Pessoa. Falar de Vieira é sempre complexo, pois se trata da principal figura do mundo luso-brasileiro no século XVII. E esse estudo se valoriza por ser escrito por um diplomata que analisa a atividade diplomática de um intelectual de grande expressão que a exercia sem ser a sua principal atividade. Os reparos que Vasco Mariz faz a Vieira, por sua proposta de entregar Pernambuco aos holandeses, tornam-se matéria polêmica, visto que, como o caso de Calabar, o conceito de pátria e nacionalismo ainda era no Ocidente uma franja recente no século XVII. Vieira, sem ser propriamente patriota, olhava o presente e o futuro com uma grandeza que faltava aos seus contemporâneos. Basta lembrar a sua intransigente defesa dos cristãos-novos ante a estupidez da inquisição portuguesa, para perdoarmos, se houver, os pecados políticos que cometeu.

Sem dúvida, o leitor tem muito a ganhar com esses *Ensaios históricos* de Vasco Mariz. Redigidos em linguagem extremamente agradável, desvenda complexos problemas da nossa história, conforme já se pôde observar nos estudos aqui apreciados. Além disso, traz a análise de outros eventos da realidade brasileira, que devem ser conhecidos para melhor se compreender muitos fatos históricos que passaram despercebidos.

Paulo Roberto Pereira*

*Paulo Roberto Pereira. Doutor em Letras pela UFRJ. Professor de Literatura Brasileira na UFF. Ensaísta e crítico literário. Publicou, entre outros, *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*; *Brasiliana da Biblioteca Nacional*; e a edição da *Carta de Caminha*.